

Notas para pensar a filosofia nos dias de hoje

Fabiana Rassi*

Constitui um dos problemas clássicos da filosofia sua tentativa de autodefinição - disto resulta o enorme acúmulo de trabalho intelectual ao longo de sua história (falando de filosofia ocidental originada na Grécia Antiga), realizado pelos filósofos sem que se tenha chegado a uma definição unânime, ou, pelo menos, acabada.

A tentativa de se abarcar como saber e abarcar a realidade está na origem do pensamento filosófico e, neste sentido, podemos dizer que o saber mítico possuía também este intuito (resguardadas suas diferenças fundamentais). Segundo Merleau - Ponty, em seu *Elogio da Filosofia (Éloge de la philosophie)*, Paris: Gallimard, 1960), o filósofo é aquele "que registra a passagem do homem no mundo". Tendo em vista esta afirmação, podemos dizer que o filósofo, ao ressaltar o caráter propriamente humano do homem, tenta resgatar a essência distinguindo-a das aparências.

Fazendo uma analogia entre o trabalho do filósofo e o trabalho do pintor, podemos dizer que "cada filósofo, lidando com os problemas de seu tempo, cria um quadro conceitual através do qual olhamos a realidade. A realidade é pintada, construída, fabricada, produzida, forjada."¹ Mas, diante disto, poderemos perguntar: Através de que enquadramento podemos acessar o real? Em qual realidade nos movemos? Sobre qual realidade falamos?

Pensar a filosofia em contexto, hoje, significa pensá-la como prática e como ensino dessa prática de forma a conseguir abarcar, refletir e fazer a crítica de uma realidade que hoje vive de multifacetamentos e crises cíclicas. Vivendo o que Baudrillard chamou de "pós-orgia da modernidade" ou o que se chama mais comumente de pós-modernidade, o ser humano experimenta, talvez como jamais o tenha feito ao longo de sua história, uma vida repleta de paradoxos, onde a opulência das conquistas tecnológicas convive com a

* Mestranda em filosofia pela UFG. O presente ensaio foi apresentado na disciplina *A filosofia na educação das crianças*, a cargo do prof. Walter Omar Kohan, Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, segundo semestre de 1997.

¹ GALLO, S. (coord.) *Ética e Cidadania: Caminhos da filosofia*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

indigência de milhões, onde cresce assustadoramente o abismo entre o luxo e a miséria, onde o que mais se globaliza são os mecanismos sutis de controle da mídia que fabrica, engrandece ou banaliza valores, necessidades e vontades.

Dentro desse quadro vertiginoso no qual a crise desempenha o papel principal, cabe-nos pensar sobre a possibilidade não só de definir a filosofia e o seu papel no mundo como também de ensiná-la como atividade ou como arte aplicada.

Em seu livro *Filosofia miúda e demais aventuras* (São Paulo: Brasiliense, 1985, mp.13), Artur Gianotti afirma: “Dentre os mais diversos motivos, é possível apontar um que faz um aprendiz desde cedo um filósofo: ambos (professor e aluno) possuem aquele distanciamento do mundo e aquela intimidade que só pode ser obtida pela via da reflexão. Nesse sentido, não se ensina filosofia, mas se alimenta o desabrochar de uma recusa secreta, de uma necessidade de recuo, de encontrar um caminho produtivo para um estranhamento atávico.” Encontramos fortemente incrustada nesta fala a afirmação Kantiana sobre a impossibilidade de se ensinar filosofia e a única possibilidade de se ensinar a filosofar. Mas o ato de filosofar não pode ser fruto de um espontaneísmo superficial. O ato de filosofar só é possível pela mediação dos clássicos, e, ao professor, cabe o papel de mediador e interlocutor entre o saber sistematizado pelos filósofos ao longo da história da filosofia e a recusa secreta do mundo para a qual o referido aprendiz se convida.

Neste passeio pela história da filosofia é que os alunos têm condições de elaborarem suas trajetórias desse estranhamento atávico.² O pensamento é assim constituído pelo recurso histórico da descendência conceitual, donde a possibilidade de se afirmar, num certo sentido, a universalidade da filosofia.

Se aceitamos a postura nietzschiana da filosofia entendida e vivida como procura por tudo o que é problemático na existência e foi exilado pela moral, então podemos pensar o ensino da filosofia como eixo aglutinador de mudanças significativas na realidade educacional.

Nesta mesma perspectiva, Cerletti e Kohan em *La filosofía en la escuela* afirmam:

“A filosofia como crítica radical parte de um pressuposto platônico - a crítica do dado -, e pretende consagrar uma ruptura com o platonismo ao se lhe distanciar da imobilidade das formas ou das essências. A utopia do Platão da *República* radica na impossibilidade de se juntar, sem fissuras e conflitos insuperáveis, a filosofia e a política, em sentido estrito

2- Ibid., p. 8. Neste ponto M. Lipman, criador do programa *filosofia para crianças*, afirma a importância fundamental da investigação filosófica que, mediada pelo diálogo, investiga as questões sobre as quais se debruçaram os filósofos ao longo da história da filosofia, via novelas filosóficas.

ou institucionalizada, a filosofia e a ciência, a filosofia e a arte. A filosofia não fixa, mas põe em questão. E assim escapa a toda fixação estabelecida e está alerta ante a racionalidade e os valores da política, da ciência, da arte, das produções sociais e culturais em geral.”³

Segundo A. Korn em *Sistema Filosófico* (Buenos Aires: Nova, 1959, p. 17-9), não existe uma filosofia singular, e, logo, não existe a filosofia, mas sim muitas escolas e posições filosóficas que são produtos de processos históricos e somente em sua projeção histórica se explicam e se coordenam.

A sua vez, o filósofo espanhol F. Savater, num texto intitulado “Urgência e presença da filosofia”, afirma que a filosofia, por ser a atividade humana por excelência, não pode ser esquivada por nenhum projeto educacional, nem tampouco ensinada sem a participação ativa do educando - deste ponto de vista, ou a história da filosofia é, antes de mais nada, a atividade filosófica mesma, ou resulta incompreensível e, por que não dizer, num pedantismo intelectual inócuo.⁴

O filósofo francês J-T. Desanti, numa entrevista concedida ao *Magazine Littéraire* (n. 339, jan. 1996, p. 44-6), intitulada “Um filósofo é um apostador”, afirma que a única coisa que ele pode dizer quando instado a dar uma definição do que seja a filosofia é: “venha ver, vamos andar e ver o que se passa”. E isto, para ele, é como quando se joga pôquer: primeiro começamos a jogar para depois vermos quem será o vencedor. A noção de jogo traz consigo a noção de movimento e, apesar de ter seus procedimentos ordenados por regras para que seja possível jogá-lo, ele contém sempre o elemento surpresa, o elemento do caos, da descontinuidade.

Assim ele dirá:

“Se se instala em um saber dado, não importa qual, perde-se exatamente por isto, por ter se sujeitado às suas normas. O primeiro passo é, então, dessujeitar-se para se poder chegar ao ponto que, aparentemente, não tem nenhum sentido. Ninguém pode definir o que é o pôquer dando somente as regras do jogo. Aquele que pergunta o que é pôquer está implicitamente perguntando por que se deseja jogar pôquer. E há pessoas que dão tudo o que têm para continuar jogando e correr o risco de ganhar ou perder. A filosofia é como o pôquer. Um filósofo é alguém que aposta.” (p. 46)

3- CERLETTI, A. KOHAN, W. *La filosofía en la escuela. Caminos para pensar su sentido*. Buenos Aires: La UBA y los Profesores/Oficina de Publicaciones CBC (Universidad de Buenos Aires), 1996. Tradução portuguesa própria. Doravante nos referimos a este livro sob a sigla LFE.

4- *Apud*. LFE, p. 116-119.

Grosso modo podemos dizer que a filosofia opera em três grandes frentes: como reflexão, como crítica e como criação.

A **reflexão** se dá enquanto tentativa de metabolização do mundo, de desvendamento do que se oculta por trás do fato que aparece.

A **crítica**, palavra etimologicamente derivada da palavra grega *kríno*, que significa julgar, separando o que é bom do que é ruim - segundo o contexto rural em que era usada - tal como faziam os agricultores com o trigo e o joio. Daí a expressão até hoje usada por nós: "separar o joio do trigo." Desta forma não se deve tomar a palavra "crítica" em seu sentido negativo, mas como o esforço do exame e da distinção dos pressupostos e fundamentos do que está sendo afirmado ou negado e/ou do que está ocorrendo, assim como dos valores e crenças que subjazem aos saberes e práticas sociais. Para tanto, tal esforço crítico é sustentado e simultaneamente impulsionado por duas molas mestras: por um lado, pela forma universal, metódica e sistemática de desempenhar sua tarefa crítica até o fim. Neste ponto cumpre lembrar a afirmação de Dewey de que é a coragem o principal requisito para a atitude crítica, enquanto que a covardia é a sua maior inimiga, ainda que às vezes venha disfarçada sob a forma de "pureza intelectual".

A terceira frente na qual a filosofia opera é a **criação**. As tarefas da reflexão e da crítica das idéias ou valores dominantes encontram sua positividade quando se projetam ou se criam outros valores que não os valores dominantes. Daí Deleuze e Guattari afirmam que o filósofo é "o amigo de conceito" e que neste sentido e, de uma forma rigorosa, se pode dizer que a filosofia é a disciplina que consiste em "criar conceitos".⁵

Em outros termos, poderíamos dizer que, para além do pensamento crítico puro e simplesmente, a filosofia requer que essa crítica seja dirigida à busca, à explicitação e ao questionamento dos fundamentos, pressupostos e condições de possibilidade de saberes e práticas, para que então se possa criar novos conceitos e relações.⁶

Michel Foucault, em entrevista concedida a Didier Éribon, intitulada "É importante pensar?"⁷ situa-se numa perspectiva próxima a Deleuze quando afirma que a verdadeira função da crítica não é a de constituir-se em negatividade pura e simples, mas, antes, em instrumento que possibilite ver sobre que mentalidade instituída e aceita repousam as práticas individuais e sociais. Para ele, há que se dessacralizar o social como única instância do real e outorgar ao pensamento a sua real importância, que é a de ser um elemento

⁴ Apud LFE, p. 95.

⁵ Apud LFE, p. 99.

⁶ Apud LFE, p. 100.

⁷ Apud LFE, p. 106-108.

essencial na vida e nas relações humanas, mas que comumente se oculta por trás do hábito. Neste sentido, “criticar é fazer difíceis os gestos demasiado fáceis.”⁸

Reflexão, crítica e criação, compondo o tripé que deve suportar toda a atividade filosófica, acabaram por constituir a colossal tarefa que a si impõem todos aqueles que se abrem à filosofia: conhecer a si mesmo, conhecer o homem, ler o mundo, fazer a crítica de tudo que é humano, ressignificar a existência e, portanto, recriá-la.

Bibliografia

- ARANHA, M^a Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. 2 ed. São Paulo, SP: Moderna, 1996.
- CERLETTI, A. KOHAN, W. *La filosofía en la escuela. Caminos para pensar su sentido*. Buenos Aires: La UBA y los Profesores/Oficina de Publicaciones CBC (Universidad de Buenos Aires), 1996.
- GALLO, S. (coord.) *Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

⁸ *Apud* LFE, p. 106.

